

RUA PIOLIM

Decreto nº 4427 de 21-02-1974

Protocolado nº 35.448 de 19-11-1973

Formada pelas ruas 12 e 17 do Jardim Boa Esperança - continuação

Início na rua Prof. Renê de Oliveira Barreto

Término na rua Pixinguinha

Jardim Boa Esperança

Obs.: Do decreto consta: Piolim - grande artista circense. O decreto foi assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Lauro Péricles Gonçalves.

PIOLIM

Abelardo Pinto é o nome de família do palhaço Piolim, nascido em Ribeirão Preto, SP, a 27-03-1897 e falecido em São Paulo, a 04-09-1973. O início de sua carreira foi igual ao de qualquer criança pertencente a uma família circense. Seus pais, Galdino e Clotilde Pinto sempre trabalharam em circo. Quando de uma apresentação em Manhuaçu, Minas Gerais, o palhaço do circo desistiu e foi embora. Galdino foi a São Paulo procurar um substituto e enquanto isso, o irmão de Abelardo procurava convencê-lo a tentar o número como auxiliar do palhaço. Foi para o picadeiro e alcançou o seu primeiro êxito. Como seu pai Galdino, que criou a folga semanal das 2as. feiras para os artistas do circo, Abelardo também foi o criador de nova escola circense. Foi ele quem primeiro surgiu com a bengala, que o acompanhou por mais de 50 anos, com o sapatão, com o colarinho largo e engomado e do nariz de bolota. Desde quando começou, Piolim usou a mesma indumentária: além da bolota vermelha no nariz, pintava no rosto uma boca branca escancarada, as sobrancelhas pela metade e, sobre a peruca careca, um chapéu côco. Quando tinha 14 anos, uns espanhóis que trabalhavam junto no circo de seu pai ao verem trabalhar, exclamaram: "tão magro que nem um piolim (barbante, em espanhol). Abelardo Pinto gostou, adotou o nome, registrando-o em cartório. Apesar de haver registrado seu nome, Piolim jamais se interessou pelos direitos autorais das várias peças que escreveu, como "Piolim, Jogador de Futebol", "O Reservista Ventura", "As Duas Angélicas", que outros palhaços representaram. Considerado um dos maiores palhaços que o Brasil já possuiu, Piolim morreu pobre e sem poder concretizar seu sonho de formar uma Academia de Circo. E não morreu como queria: -"Quero morrer no picadeiro, com o rosto maquilado, de colarinho grande e cercado de crianças". Morreu em sua casa, na cama, de insuficiência cardíaca.

RUA PIOLIM



DECRETO N.º 4.427, DE 21 DE FEVEREIRO DE 1974.

Dá denominação à Via Pública da Cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada "PIOLIM" — grande artista circense —, a rua 17 do Jardim Boa Esperança - continuação, com início à rua 9 e término à rua 11.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 21 de fevereiro de 1974.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
PREFEITO DE CAMPINAS
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
ENG.º JOÃO POZZUTO NETO
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERV. PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 35.448, de 19 de novembro de 1973, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 21 de fevereiro de 1974.

DR. ARMANDO PAOLINELI
CHEFE DO GABINETE



B. P. M.



Uma rua chamada Piolin, no centro da cidade

Quando a Câmara Municipal de São Paulo resolveu homenagear Abelardo Pinto, o famoso palhaço Piolin, falecido a 12 de setembro do ano passado, dando o seu nome a uma rua ainda inominada da Capital, um grupo de intelectuais e historiadores se movimentou no sentido de influir, junto aos poderes competentes, para que tal homenagem fosse revista do maior relevo.

O lugar escolhido foi o Largo do Paçandu, onde, por muitos anos, se manteve a barraca do grande "Tony", ao lado de seu Admirável "clown" Alcebiades Pereira. Mais precisamente: o ângulo formado pela rua Capitão Salomão, o Largo do Paçandu e um beco, de cerca de cem metros, sem saída, que termina nos fundos do prédio dos Correios e Telégrafos de São Paulo.

Era das poucas ruas que poderiam ter o seu nome substituído, sem destigurar as tradições da cidade. Chamava-se rua do Paçandu e, saindo do Largo do mesmo nome, tinha o inconveniente de gerar naturais confusões.

Foi nesse pequeno espaço urbano que viveu os seus melhores dias uma das mais harmonizadas duplas cômicas do circo brasileiro: Piolin e Alcebiades.

Ontem, a rua Abelardo Pinto transformou-se em realidade, desde o momento em que foi retirado o pano que cobria a placa de bronze, numa cerimônia simples, homenageando o sempre lembrado palhaço brasileiro. A Câmara Municipal, por iniciativa de seu presidente João Brasil Vita, ofereceu a placa, cujos dizeres são de autoria de Francisco Luiz de Almeida Sales:

"Neste local existiu um circo e sob sua tona nasceu um dos grandes palhaços do mundo. Seu nome era Piolin. As crianças o amavam, os artistas do modernismo o descobriram como graça excên-

trica e o povo, ao longo dos anos, trocou a possível tristeza pela sua certa alegria. Esta placa é uma homenagem da Cidade de São Paulo, através de sua Câmara de Vereadores, a Abelardo Pinto, o Piolin."

Abelardo Pinto nasceu em Ribeirão Preto, a 27 de março de 1897. Era além de comico, também acrobata, ginasta e equilibrista, destacando-se, desde a infância, em números de bicicleta.

Ele não morreu onde e como queria: "Quero morrer no picadeiro, com o rosto maquilado, de colarinho grande e rodeado de crianças". A morte o colheu na cama — causa: insuficiência cardíaca — sem dar tempo a que ele visse um dos seus sonhos realizados: a criação de um circo-escola, a Academia do Circo.

Em maio de 71 Piolin dizia que "o circo não tem futuro, mas nós, ligados a ele, temos que batalhar muito para essa instituição não perecer".

Nove anos antes de proferir essas palavras, em 1962, Piolin sofreu a maior desventura de sua vida profissional: o Grande Circo Piolin' de cobertura de alumínio, palco e poltronas, instalado na avenida General Olímpio da Silveira' foi despejado do terreno que ocupava: "Diziam que era para construir um edifício, mas agora o lugar é antro de marginais, e ninguém construiu prédio lá", observava Piolin' amargurado.

Morreu aos 76 anos, longe do seu público e dos aplausos das crianças. Virou nome de rua. Segundo um outro palhaço, seu companheiro de picadeiro, "ele era o pai de todos os que pintavam a cara, botavam um colarinho duro e saíam por aí, fazendo o povo rir".

Arrelia Torresmo e outros ex-companheiros de Piolin, juntaram-se ao povo durante a inauguração de placa na rua que leva o seu nome. Em silêncio, escutarara os discursos do governador Laudo Natel: "Entre as minhas lembranças da infância, guardo a da primeira visita que fiz a São Paulo, quando, residindo neste largo vi o circo de Piolin", do presidente da Câmara, Brasil Vita: "Através do picadeiro, Piolin levou sua mensagem a todas as gerações"; do presidente da Casa do Ato, Francisco Colman, falando em nome dos veteranos artistas circenses; e do poeta Paulo Bonfim.



Piolim morre sem ouvir os risos das crianças

SÃO-PAULO (O GLOBO) — Piolim (Abelardo Pinto), o velho palhaço que nos últimos meses esteve hospitalizado várias vezes, morreu ontem à noite de insuficiência cardíaca. Apesar de ter 76 anos, Piolim continuava a se apresentar em espetáculos no seu pequeno circo, montado no bairro da Ponte Pequena. Morreu em sua casa na Rua Clélia, no bairro da Lapa, onde estava acamado há mais de um mês. Seus amigos o levaram para a Clínica 'Urgência Médica' Lapa, mas ele já estava sem vida.

Lamentaram que seu maior desejo não tivesse se concretizado: Piolim queria morrer em um picadeiro, entre as crianças, onde viveu praticamente toda a vida. O sepultamento será hoje, às 15h, no Cemitério da Quarta-Parada.

O último palhaço

Piolim, que por dezenas de anos deu alegria a quantos o viram atuar, era agora um homem triste, ao declarar: "pra ser feliz tenho que estar com o rosto pintado." E há 12 anos que quase não podia fazê-lo. Ele foi despejado, em 30 dias, do terreno onde montava seu circo, na General Olímpio da Silveira. Desde aquela época Abelardo Pinto Piolim não conseguiu montar outro grande circo.

O início de sua carreira foi o de qualquer criança pertencente a uma família circense. Seus pais, Galdino e Clotilde Pinto, sempre haviam trabalhado em circo. Sua estréia oficial foi em Manhuaçu, Minas, e ele conta: "o palhaço do circo desistiu e foi embora. Meu pai, apanhado de surpresa, viajou para São Paulo



O Piolim feliz: seu rosto estava pintado

à procura de um substituto. Enquanto isso, meu irmão me convencia a tentar um número como o auxiliar de palhaço... Logo eu, que nunca havia feito números humorísticos e era um sujeito fechado e quieto." O seu primeiro trabalho foi também o seu primeiro êxito: "Tive sorte na estréia."

Amigo dos intelectuais que promoveram a Semana de Arte Moderna, em 1922, Piolim trabalhou em peças escritas por Oswald de Andrade, e tanto este quanto Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida elogiaram seu trabalho.

Nascido em 27 de março de

1897, aos oito anos Piolim já iniciava seu trabalho no circo, como contorcionista, tendo logo desistido, pois foi preciso quebrar a cadeira por cuja grade ele tentara passar, ficando entalado. O nome "Piolim" foi-lhe dado como apelido, quando trabalhava num grande circo norte-americano junto com palhaços espanhóis. "Piolim" quer dizer barbante em castelhano. Mais tarde ele o incorporou a seu nome de família. Piolim foi casado com Dona Benedita, ex-comediante de circo, moça que raptou em Guaratinguetá. Casou-se com elas aos 20 anos, e viveram juntos durante 50.

Piolim



Seu maior sonho era morrer em cima de um picadeiro, com a cara pintada e ouvindo os risos das crianças. Ele até fez força para que isso acontecesse, apresentando-se doente, com seus 75 anos, nos shows que fez este ano no Anhembi e em Santos, obrigando os médicos a interná-lo numa casa de saúde.

Piolim, entretanto, morreu às 17h40 de terça-feira, em sua cama, na casa de n.º 504 da r. D. João V, onde morava com dna. Ida, uma amiga da família. Seus últimos momentos foram bem diferentes da vida agitada que sempre levou.

"Enquanto o farmacêutico lhe aplicava uma injeção, ele pediu para que dona Ida segurasse sua mão — disse o cel. Bertoldo Costa Jr., um dos seus genros — Depois que o farmacêutico saiu ela colocou uma bala em sua boca, mas ele não conseguiu engolir porque a morte chegou antes. Notando algo estranho, dna. Ida chamou o dr. Alexandre, diretor da clínica Urgência Médica Lapa, onde já havia internado, que constatou sua morte".

Na capela da clínica, Abelardo Pinto-Piolim foi velado no caixão escuro, rodeado de botões de rosa vermelhos e lírios brancos.

Há mais de 20 anos que Pilim sabia de sua insuficiência cardíaca, mas isso porem nunca foi motivo para que interrompesse sua vida circense de mais de 50 anos, como prova uma entrevista que ele deu em 27 de maio de 1971 para a Folha de S. Paulo:

"Qualquer bom palhaço pode viver muito bem, contanto que viaje pelo interior em grandes espetáculos. Eu só parei com o circo e estou nos shows esporádicos, porque fiquei aborrecido depois que fui despejado".

Antes de ser despejado do seu Grande Circo Piolim, na av. Gal. Olimpio da Silveira, Piolim atingiu sua grande fase trabalhando durante 20 anos, até que o IAPC (atual INPS) quis o terreno.

De 25 de janeiro até março deste ano ele atuou com outros palhaços, no show promovido pelo governo e Prefeitura no Anhembi. Xuxu, seu companheiro desse espetáculo, explica que em nenhum momento Piolim deixou de atuar, "embora estivesse cansado e fraco".

"Nós evitávamos que ele fizesse muito esforço, carregando sua famosa bengala de bambu, levando-a até a entrada do picadeiro, onde ele sentado dizia suas brincadeiras no microfone; que passou a utilizar devido a sua voz fraca".

Depois disso, Piolim ficou internado durante uns 15 dias, saindo para se apresentar em Santos, na sua própria companhia circense, onde ficou até abril, sendo obrigado a parar para repousar até a morte.

"Embora estivesse acamado — ressalta o cel. Bertoldo — seu Abelardo nunca perdeu a consciência, falando de circo desde a hora que levantava até dormir. Somente no domingo último ele piorou e começou a esquecer as coisas".

Viuvo de dona Benedita França Pinto, Piolim deixa 12 netos, 3 bisnetos e os filhos Kylor Pinto (instrutor do Aero-Clube), Aurea Costa (casada com o cel. Bertoldo Costa); Ayola Garcia (casada com o sr. Nelson Garcia), o palhaço "Figurinha" que trabalhou com Piolim durante cinco anos; Albertina Ribeiro de Barros (casada com o sr. Alcino Ribeiro de Barros), e Aryel Pinto (Ana Aryel, atriz da TV Globo).

Como seu pai Galdino Pinto, que criou a folga semanal das segundas-feiras para os artistas de circo, Piolim talvez seja o criador de uma nova escola circense, em termos de comicidade — afirma o cel. Bertoldo — Foi ele quem primeiro surgiu com a bengala que o acompanhou por mais de 50 anos, do sapatão, do colarinho largo e engomado e do nariz de bolota.

Desde quando começou, em 1922, Piolim usou a mesma indumentária. Além da bolota vermelha no nariz, pintava no rosto uma boca branca escancarada, as sobrancelhas pela metade e, sobre a peruca careca, um chapéu coco.

Piolim nasceu em Minas Gerais, onde seu pai era o lavrador que se apaixonou por uma artista de circo, casando-se com ela, tornando-se depois diretor, ginasta e atleta da companhia. Piolim começou como acrobata, transformando-se depois em palhaço ("sempre fui muito piadista", dizia ele).

Quando tinha 14 anos, alguns elementos espanhóis da companhia de seu pai ao verem trabalhar exclamavam que ele era "tão magro que parecia um piolim (barbante)". Alberto Pinto adotou este nome, registrando-o em cartório.

Apesar de fazer questão de registrar seu nome, Piolim nunca se interessou pelos direitos autorais de várias peças que escreveu, como "Piolim, jogador de Futebol", "O Reservista Ventura", "As duas Angélicas", que outros palhaços representaram.

Como seus companheiros de profissão, Piolim sentiu a pressão da televisão, que não o deixava mais encontrar artistas com a mesma facilidade de antes. Entretanto, nunca desanimou e o circo foi sempre sua grande paixão.

ao tenho de me queixar — dizia ele à Folha em 1971 — Quando pequeno pensava em ser engenheiro, mas como palhaço sempre vivi muito bem e cheguei a ter muito dinheiro".

Piolim morreu possuindo apenas uma casa na Freguesia do O e uma vaga no mausoleu da família Pinto, no cemitério da Quarta Parada, onde foi enterrado ontem às 15 horas, assistido por duas mil pessoas. (José Edvardo Lima).

NA ASSEMBLEIA

A inserção nos anais de um voto de pesar pela morte de Piolim, foi requerida na sessão de ontem da Assembleia Legislativa, pelo deputado Archimedes Lamoglia. O deputado Solon Borges dos Reis (ARENA) também se referiu ao desaparecimento de Piolim, lamentando que o governo do Estado não tenha acolhido indicação que apresentou em novembro passado, propondo pensão mensal ao artista.

Os deputados Archimedes Lamoglia, Jihei Noda e Pedro Geraldo Costa representaram a Assembleia nos funerais.

Uma rua chamada Piolim

JULIO AMARAL DE OLIVEIRA

Entre as inúmeras homenagens prestadas a memória do saudosíssimo palhaço Piolim figurou um discurso pronunciado pelo presidente da Câmara Municipal, ressaltando sua atuação como artista ao povo e, finalmente, solicitando ao prefeito que se a uma rua de São Paulo o nome de Abelardo Pinto (Piolim).

As ligações de Piolim com os "modernistas" são raras, noje, quase esquecidos pelos veios e, totalmente, ignorados pelos moços. Parece, mesmo, que a primeira vez que se fez alusão ao episódio foi nas colunas do "Suplemento Literário" do "Estado", em 26 de abril de 1969, em magnífico trabalho assinado por Teie Porto A. Lopez, foram publicadas duas fotografias históricas: uma em que aparece o notável comico ao lado de Oswald de Andrade, na fazenda Santa Teresita do Alto onue, em 1927, se reunia para os seus lazeres, a alegre intelectualidade jovem de São Paulo; e, outra, a lista de adesões para um amço que o "Clube de Antropotagia" faria realizar, em homenagem a Piolim, no dia 27 de março daquele ano (dia de seu aniversário), nos salões da "Casa Mappin Stores". Constam da relação os seguintes nomes: dr. Francisco da Silva Telles, d. Alice da Silva Telles, d. Anita Maifati, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Celso Antonio e senhora, Hugo Adami, Maria Paula, Menotti Del Picchia, Americo R. Netto, Couto de Barros, Plinio Cavalcante, Paulo Mendes de Almeida, Geraldo Ferraz, Luiz Mouralis, Galeão Coutinho, Heralto Martins, Alberto de Araujo, Raul Bopp, Jayme Adour da Camara, Oswaldo Costa e Luiz Amaral. Como curiosidade, lembremos que o preço era de 20\$000 (vinte mil réis) por pessoal.

PIOLIM E OS MODERNISTAS

A adesão aos os modernistas davam a Piolim, nada tinha "a ver com o entusiasmo pelo circo de Paula Wiener, Picasso, Seurat ou Severini". Nada mais verdadeiro, mesmo porque julgamos que o entusiasmo destes nada teve com o de Charles Dickens, quando fez a biografia de Joe Grimaldi, o pai de todos os "clowns", de Toulouse Lautrec, quando ia retratar as "ecuyères" do "Cirque Fernando" ou de Degas, quando pintava os figurantes do "Nouveau Cirque". Foram todos — antigos e modernos — em busca dos motivos incomparáveis que os saltimbancos trazem na propria originalidade das suas existências. Beberam nessa mesma fonte, Leoncavallo em "I Pagliacci" e Baudelaire em "A Una Giovane Saltimbanca", mesmo por que "aderir à criação artista popular não é, conforme entendem alguns, conformar-se e ater-se ao nível cultural do povo, insatisfatório e limitado, mas transferir para a esfera erudita os seus valores, para que, transformados, possam agir e refletir sobre a nação".

Houve, contudo, um aspecto, que deve ser analisado, nesse envolvimento de Piolim com os modernistas, e é preciso um pouco de coragem para dizê-lo. Por que durou tão pouco o

crônicas, romances, peças teatrais ou poemas, estudando e explicando a sua importância estética ou social tomando-o como genero artistico, sem se preocupar muito com os indivíduos que o compunham, os membros do nosso "Movimento" fixaram-se na pessoa de Piolim, sem considerar muito o mundo a que ele pertencia.

Piolim servia exatamente para o que pretendiam. Ninguém melhor que ele para simbolizar a adesão popular a um movimento que, na realidade, só pretendia atingir as elites. Piolim seria a gente do povo a endossar as formas revolucionárias que tentavam impor aos conservadores. Ninguém melhor que o palhaço, o artista do povo, o criador de modismos, o sementeiro de apelidos, que trazia em si proprio, na sua figura grotesca, a renúncia às formas tradicionais da burguesia. O seu nariz, o seu colarinho, a sua bengala e os seus sapatos disformes eram, gostosamente, aceitos pela massa que acorria, diariamente, ao circo. Tudo no seu tipo era revolucionario e o dever de fazer rir o levava, muitas vezes, a irreverências. E o "Movimento" era dos irreverentes da época. O circo, como arte, como estrutura, como tema e sua gente como parcela da sociedade escapou à observação, dos modernistas. A eles interessava somente Piolim. E foram buscá-lo nos bastidores da barraca, nos camarins de lona quando, tendo caixotes como "tocado", retirava a maquiagem. Pegaram-no pelo braço e com ele percorreram os restaurantes e os salões de São Paulo, como quem leva um estandarte. Apenas cometiam um grande equívoco: o Piolim, de quem precisavam, ficara na barraca do Largo do Palsandu e o seu novo companheiro de notadas nada mais era que o, então, jovem Abelardo Pinto.

Que abismo existia entre Abelardo Pinto e o Piolim! Enquanto o palhaço era exuberante, palrador, irrequieto, desembaraçado, expressivo na sua mais simples movimentação, rapido nas soluções coloquiais e com alta presença de espirito, Abelardo Pinto era tímido, reservado, reticente, comedido, arredio, pausado no dialogo, demorado nos gestos e calculista nas decisões. Taciturno, ensimesmado e introvertido, Abelardo Pinto pode ter decepcionado os modernistas, não como pessoa, evidentemente, mas como simbolo. Abelardo Pinto, como de resto todos os palhaços, jamais conseguiu ser, fora dos limites do pica-deiro de serragem e sem "pintura", o Piolim que criou para tantas gerações.

Se, ao contrario, não se tivessem desviado do angulo sob o qual, apenas, devriam ter visto Piolim, isto é, como o insuperavel comico que foi teriamos, então, o produto de suas inteligencias elaborando uma imensa obra sobre o artista, tanto ou mais exuberante que, na Europa, se fez sobre Grock, os Fratellini, Footit e Choco-

lat e outros grandes palhaços da historia. Pierre Mac Orlan immortalizou os Fratellini na sua obra porque não procurou ver nos famosos irmãos nada mais que os excepcionais excêntricos que foram. Marcel Archard, na sua peça "Volez vô joer avê moa?" satirizou a frase do popular palhaço inglês Billy Saunders dita em mau francês e evocou, apenas, a sua figura de comico, sem procurar complicadas conotações.

Piolim nos legou um imenso patrimonio: o de termos produzido um dos maiores comicos do mundo, comparável a Chaplin em certos momentos, a Grock em outros, a Paul, Albert ou François Fratellini em alguns. Possuía em exagero, na sua movimentação em cena, um mistério que, modernamente, foi definido como "expressão corporal". Mimico excepcional, agil, pois era exímio acrobata, tinha o senso exato da colocação em cena, parecendo dirigir-se, misteriosamente, a um só tempo, a todos os espectadores. Perfeita dicção, usava o português correto sem, contudo, se dar ares de erudição pedante. Extremamente malicioso em seu comportamento, sabia, como ninguém, contornar os limites do caminho fácil da comicità de atrevida.

NO PAISANDU

Os jovens do "Movimento" foram buscar Piolim na imen-

sa barraca armada no largo do Palsandu onde, ao lado do seu "clown", o saudosíssimo Alcebiades Pereira, colhia os aplausos da cidade tranquila que era São Paulo. O terreno situava-se, precisamente, onde hoje está o cinema Palsandu. De um lado a rua Capitão Salomão, frente para o Largo Palsandu e, do outro, um beco, de cem metros de comprimento, sem saída e que, por absurdo, se chama rua do Palsandu!

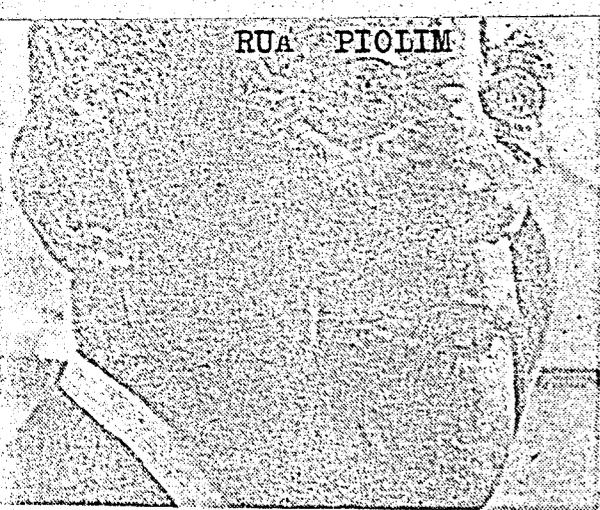
Pois bem; se como foi solicitado pelo senhor presidente da Camara Municipal de São Paulo, a Prefeitura quiser dar o nome de Abelardo Pinto (Piolim) a uma rua da Capital, nada mais acertado que fazê-lo precisamente no lugar que está intimamente ligado à sua historia, que é a própria história do circo em São Paulo. Sobre prestar a mais justa das homenagens, a Municipalidade iria corrigir um absurdo, que é permitir que de um largo saia uma rua com o seu proprio nome.

Parece que esse nome, Palsandu, dado ao beco, nome já immortalizado no largo, ficou como um chapéu na cadeira, esperando que nela viesse sentar-se o seu legitimo dono. Para uma cidade sem cronica, como a nossa, caberia, ainda, uma placa de bronze onde se lembrasse que ali se reuniam, com Piolim, no circo, os moços do Movimento Modernista que tanto dignificaram a inteligência paulista.

presentava

*Journal
"O Estado de São Paulo"*





No Largo Paissandu, Piolim representava

Foram publicadas duas fotografias históricas: uma em que aparece o notável comico ao lado de Oswald de Andrade, na fazenda Santa Teresa do Alto onue, em 1927, se reunia para os seus fazeres, a alegre intelectualidade jovem de São Paulo; e, outra, ca lista de adesões para um amogo que o "Clube de Antropotagia" faria realizar, em homenagem a Piolim, no dia 27 de março daquele ano (dia de seu aniversario), nos salões da "Casa Mappin Stores". Constam da relação os seguintes nomes: dr. Francisco da Silva Telles, d. Alice da Silva Telles, d. Anita Maifatti, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Celso Antonio e senhora, Hugo Adami, Maria Paula, Menotti Del Picchia, Americo R. Netto, Couto de Barros, Plinio Cavalcante, Paulo Mendes de Almeida, Geraldo Ferraz, Luiz Mouralis, Galvão Coutinho, Heralto Martins, Alberto de Araujo, Raul Bopp, Jayme Adour da Camara, Oswaldo Costa e Luiz Amaral. Como curiosidade, lembremos que o preço era de 20\$000 (vinte mil réis) por pessoal!

PIOLIM E OS MODERNISTAS

A adesão que os modernistas davam a Piolim, nada tinha "a ver com o entusiasmo pelo circo de Paula Wiener, Picasso, Seurat ou Severini". Nada mais verdadeiro, mesmo porque julgamos que o entusiasmo destes nada teve com o de Charles Dickens, quando fez a biografia de Joe Grimaldi, o pai de todos os "clowns", de Toulouse Lautrec, quando ia retratar as "eueyères" do "Cirque Fernando" ou de Dégas, quando pintava os figurantes do "Nouveau Cirque". Foram todos — antigos e modernos — em busca dos motivos incomparáveis que os saltimbanco trazem na propria originalidade das suas existencias. Beberam nessa mesma fonte, Leoncavallo em "I Pagliacci" e Baudelaire em "A. Una Giovane Saltimbanca", mesmo por que "aderir à criação artista popular não é, conforme entendem alguns, conformar-se e ater-se ao nível cultural do povo, insatisfatório e limitado, mas transferir para a esfera erudita os seus valores, para que, transformados, possam agir e refletir sobre a nação".

Houve, contudo, um aspecto, que deve ser analisado, nesse envolvimento de Piolim com os modernistas, e é preciso um pouco de coragem para dizê-lo. Por que durou tão pouco o convívio do palhaço com os jovens intelectuais e por que, eles, nada, ou quase nada, deixaram sobre o celebre histrião, na robusta obra que legaram à posteridade? Mario de Andrade consagrou-lhe algumas crônicas, esparsas, que nem sequer puderam ser reunidas num volume; Oswald de Andrade não lhe dedicou um capítulo na sua obra; Tarsila não pintou a sua mascara grotesca e nem o rosto formoso e sereno que tinha quando despido dos artificios da maquiagem; Celso Antonio, escultor, não lhe modelou calva postíca, o nariz de bola, o colarinho exagerado, a bengala enorme e os imensos sapatos; Menotti não lhe dedicou um poema!

Não estamos, é claro, procurando culpados mas, simplesmente, tentando explicar um engano que teria sido cometido pelos modernistas de então. Ao contrario dos artistas, dos escritores, dos sociólogos europeus, que procuraram fixar os aspectos mais pitorescos do circo, adotando-o como tema de

que tinha em si proprio, na sua figura grotesca, a renúncia às formas tradicionais da burguesia. O seu nariz, o seu colarinho, a sua bengala e os seus sapatos disformes eram, gostosamente, aceitos pela massa que acorria, diariamente, ao circo. Tudo no seu tipo era revolucionario e o dever de fazer rir o levava, muitas vezes, a irreverencias. E o "Movimento" era dos irreverentes da época. O circo, como arte, como estrutura, como tema e sua gente como parcela da sociedade escapou à observação, dos modernistas. A eles interessava somente Piolim. E foram buscá-lo nos bastidores da barraca, nos camarins de Iona quando, tendo caixotes como "toca-dor", retirava a maquiagem. Pegaram-no pelo braço e com ele percorreram os restaurantes e os salões de São Paulo, como quem leva um estandarte. Apenas cometiam um grande equívoco: o Piolim, de quem precisavam, ficara na barraca do Largo do Paissandu e o seu novo companheiro de notadas nada mais era que o, então, jovem Abelardo Pinto.

Que abismo existia entre Abelardo Pinto e o Piolim! Enquanto o palhaço era exuberante, palrador, irrequieto, desembaraçado, expressivo na sua mais simples movimentação, rapido nas soluções coloquiais e com alta presença de espirito, Abelardo Pinto era tímido, reservado, reticente, comedido, arredio, pausado no dialogo, demorado nos gestos e calculista nas decisões. Taciturno, ensimesmado e introvertido, Abelardo Pinto pode ter decepcionado os modernistas, não como pessoa, evidentemente, mas como símbolo. Abelardo Pinto, como de resto todos os palhaços, jamais conseguiu ser, fora dos limites do picadeiro de serragem e sem "pintura", o Piolim que criou para tantas gerações.

Se, ao contrario, não se tivessem desviado do angulo sob o qual, apenas, deveriam ter visto Piolim, isto é, como o insuperável comico que foi teriamos, então, o produto de suas inteligencias elaborando uma imensa obra sobre o artista, tanto ou mais exuberante que, na Europa, se fez sobre Grock, os Fratellini, Footit e Choco-

"expressão corporal". Mímico excepcional, agil, pois era exímio acrobata, tinha o ser exato da colocação em ce parecendo dirigir-se, misteriosamente, a um só tempo, todos os espectadores. Perita dicção, usava o português correto sem, contudo, se cansar de erudição pedante. Tremamente malicioso em seu comportamento, sabia, conninguém, contornar os limites do caminho fácil da comédia de atrevida.

NO PAISSANDU

Os jovens do "Movimento" foram buscar Piolim na im-



ANPV 1.3969.7